



OS MORADORES

“Água vem uma vez por semana”

JOSUÉ BARBOZA SOUZA
 Pedreiro, 41 anos, Conquista

“Gosto de morar no bairro, porque é sossegado. O único problema é a falta de água em casa. Acontece de passar semanas sem a água subir na caixa d’água, que no meu caso, fica no chão. E, quando ela vem, é uma vez por semana, depois das 23 horas. Para tomar banho e fazer tarefas domésticas nos períodos de estiagem, economizo ao máximo o líquido em tonéis”

“Mesmo sem água pagamos a conta”

RUBENITA SANTANA JESUS
 Dona-de-casa, 32, Conquista

“A gente tem que ficar no quintal até umas 23 horas esperando a água cair na torneira, porque ela não conse-

Morro com duas paisagens

Situação socioeconômica contrastante é a marca de diferentes morros da Capital

MICHELLY LAUER

“Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria (...)”. A letra não soa como música para os 1.654 moradores do Morro Conquista – segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) –, em Vitória. Não ter água em casa é apenas uma das dificuldades que enfrentam. Ao contrário deles, outras 3.374 pessoas que moram no Morro Jesus de Nazareth não têm este problema. Lá há água encanada, coleta de esgoto, lixo, entre outros serviços. Esse é um dos contrastes sociais existentes nos morros da Capital.

Se a ausência de sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário no Morro Conquista não fosse pouco, a situação ainda piora com a dificuldade de acesso às escolas, unidade de saúde e ônibus, que são ofertados na parte baixa da comunidade e no seu entorno.

O transporte coletivo não

vai sequer perto do mirante. Local este que crianças elegeram para soltar pipa e onde se vislumbra a bela paisagem da área Norte da Capital.

Na outra ponta da cidade, temos o bairro Jesus de Nazareth. O visual que se tem da Terceira Ponte, Morro do Moreno e Convento da Penha encanta uma população que já se acostumou com a disponibilidade dos serviços básico nas redondezas.

Para ninguém se perder, Jesus de Nazareth dispõe de placas com nomes das ruas, que são calçadas ou asfaltadas - e numeração de domicílios.

Diferença. A condição socioeconômica evidencia o contraste. Em Conquista, as habitações são de barracos que não ultrapassam quatro cômodos e de casas humildes. As pessoas, se não estão desempregadas, têm renda mensal baixa.

Já em Jesus de Nazareth, há casas modestas, mas com um ou dois pavimentos. Se observam carros populares nas garagens.

A dona-de-casa Maria de Fátima Santos Carvalho Buek, 37 anos, moradora há seis anos de Conquista, e a sua família, são um retrato do drama de ficar até sem água para beber.

Maria de Fátima, que vive num barraco de dois cômodos com marido e dois filhos, desce quase diariamente para apanhar água com outros moradores, gastando uns 15 minutos para subir a escadaria até a sua moradia com o balde cheio sob os ombros.

“Fico cansada. As vezes, uso a água da chuva ou de uma mina que fica aqui perto. Só que a água da mina não pode beber, pois não é potável.”

Ao contrário dela, o aposentado Alair Rosa Pereira, 72 anos, morador de Jesus de Nazareth há 35 anos, foi reformando aos poucos a residência de dois pavimentos, que hoje tem oito cômodos.

Falta de água deixou de ser uma preocupação há quase dez anos. Da varanda de casa, Alair passa horas conferindo a movimentação na baía de Vitória. Sem muito com o que se preocupar, ele ressaltou que “gosto do bairro, porque é estruturado. Não penso em sair daqui”, garantiu.

A bancária aposentada Marlene da Rocha Wencelewrki, 56 anos, faz elogios às melhorias feitas pela prefeitura no alto do Morro do Romão. Mas a satisfação tem limite: ela reclama que na parte baixa do lugar, onde ela mora, as mudanças não saltam aos olhos e diz que há até lixo na rua.



LUTA. Maria sobe as escadarias do bairro Conquista com um balde de água nos braços para matar a sede da família. FOTO: DANIELA MARTINS

que chegar na caixa d’água. Isso geralmente ocorre de três em três dias. Mas é perigoso ficar fora de casa nesse horário. O pior é que recebemos a conta de água para pagar. Uma bomba que foi colocada na parte baixa do bairro não resolveu nada”

“Minha casa ganhou um banheiro”

LOURDES CALISTO

Pensionista, 45, J. de Nazareth

“Moro aqui há 25 anos e não tenho motivos para reclamar. O bairro é bom para se morar. A nossa situação melhorou muito depois que fizeram investimentos na sua infraestrutura. Agora tem escadarias, iluminação pública, água encanada, creche e escola, enfim, tudo bem próximo dos moradores. Até banheiro, que eu não tinha, construíram na minha casa”

“Me canso ao subir as escadarias”

CAROLINA RODRIGUES PONTES

Dona-de-casa, 54, J. de Nazareth

“O bairro é tranqüilo. O problema é que moro há 20 anos perto da torre de energia e fico muito cansada quando tenho que ir até a parte baixa do bairro e depois subir a escadaria. O que me anima é que os responsáveis pelo Projeto Terra disseram que as pessoas que moram perto da torre receberão casas numa área baixa. Tenho fé que agora consigo sair daqui”

As melhorias

As 36 comunidades atendidas pelo Projeto Terra, implantado em 1997, foram agrupadas em 15 poligonais, 12 delas em morros.

Morros **31**

POPULAÇÃO

84.391 habitantes

22,8 mil domicílios

FORAM INVESTIDOS

R\$ 112.594.491

Quase **1 terço** da população de Vitória mora nos morros

Na melhoria dos morros, de 1997 a junho de 2004

MELHORIAS

- Unidades habitacionais
- Banheiros domiciliares
- Estruturas de contenção, pavimentação, drenagem e esgotamento sanitário
- Reforma de escadarias
- Iluminação pública
- Praças
- Campo de futebol
- Centro de educação infantil
- Unidades de Saúde
- Mirantes
- Módulo da Polícia Militar
- Píer para barcos
- Passarelas

POLIGONAIS

- Poligonal 1** Consolação, São Benedito, Gurigica, Alto Itararé, Engenharia, Jaburu, Constantino, Bonfim, Bairro da Penha
- Poligonal 2** Cruzamento, Romão e Forte São João
- Poligonal 3** Piedade, Fonte Grande, Moscoso e Santa Clara
- Poligonal 4** São José e Santa Helena
- Poligonal 5** Jesus de Nazareth
- Poligonal 6** Ilha do Príncipe
- Poligonal 7** Alagoano, Morro do Quadro, Morro do Cabral e Bananal e Alto Caratoíra
- Poligonal 8** Bela Vista e Pedra do Bode
- Poligonal 9** Condusa
- Poligonal 10** Conquista
- Poligonal 14** Morro do Macaco
- Poligonal 15** Monte Belo e Ilha de Santa Maria

Abastecimento em cinco meses

Prefeitura firmou contrato no valor de R\$ 14 milhões para melhoria da infra-estrutura

A subgerente do Projeto Terra, Margareth Batista Saraiva Coelho, disse que foi acertado com a Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) a contratação de obras para resolver o problema do abastecimento de água do bairro Conquista. A ex-

pectativa é que a situação se resolva em cinco meses.

A prefeitura firmou contrato com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para a execução de obras no valor de R\$ 14.392.336,00. Os primeiros desembolsos estão previstos para acontecer em 60 dias.

Os recursos serão aplicados em serviços de esgotamento sanitário, abastecimento de água, drenagem, reflorestamento, contenção de encostas e pavimentação de vias.

Serão contemplados mora-

dores dos bairros Cruzamento, Forte São João, Romão, Piedade, Fonte Grande, Moscoso, Santa Clara, Capixaba, Santa Helena, São José, Jesus de Nazareth, Santo Antônio, Inhanguetá, Bela Vista, Conquista e Ilha das Caieiras.

O sistema de coleta e tratamento de esgoto sanitário beneficiará 14.848 habitantes. Outros 16.808 serão atendidos, indiretamente, com a Estação de Tratamento de Esgoto e 5.912 pessoas com regularização do abastecimento de água.

Ocupação iniciada nos anos 60

Além dos morros, as habitações irregulares atingiram também áreas de manguezal

As áreas de morro, que representam mais de 70% do território da Capital, começaram a ser ocupadas em me-

dos do século passado, com a mudança de eixo da economia capixaba, passando da monocultura cafeeira difusa no interior do Estado para a produção industrial na região Metropolitana de Vitória.

Até o início dos anos 60, o Governo estadual já havia realizado aterros em áreas alagadas e promovido mais avanços sobre o mar para a

construção da área da Esplanada Capixaba e da Avenida Beira-Mar.

Por volta dos anos 60 e 70, os fluxos migratórios de população de baixa renda se intensificaram e a fronteira da ocupação urbana sem planejamento alcançou, além dos morros da cidade, os manguezais que circundam a Ilha de Vitória.